

CARTA A UM COLONIZADOR¹

LETTER TO A COLONIZER

Beatriz Cristina Caetano²

RESUMO

Este trabalho trata de uma carta escrita nos dias atuais por uma aldeia indígena, - os *Huni Kuin* - endereçada aos europeus antes de sua chegada ao Brasil no século XV. A metodologia usada foi a revisão bibliográfica que se utiliza de fontes primárias e secundárias, com o objetivo de analisar sites acerca do tema e obter informações sobre a aldeia indígena escolhida. A proposta de desenvolver uma linha do tempo observando os aspectos históricos, culturais e sociais, preceitos indispensáveis na construção da temporalidade dos fatos, teve como motivação disponibilizar e descrever a trajetória da aldeia, desde sua criação, até como se encontra hoje, no século XXI. Atingidos esses objetivos, foi possível constatar a resistência dessa aldeia frente às lutas sociais, como também a transmissão ao longo do tempo da cultura tão rica dos *Huni Kuin*.

Palavras-chave: *Kaxinawá*. História indígena. Aldeias. Colonização.

ABSTRACT

This paper deals with a letter written in the present day by an indigenous village, - the *Huni Kuin* - addressed to Europeans before their arrival in Brazil in the fifteenth century. The methodology used was a bibliographic review that uses primary and secondary sources, with the objective of analyzing sites about the theme, and obtaining information about the indigenous village chosen. The proposal to develop a timeline observing the historical, cultural, financial and social aspects - indispensable precepts in the construction of the temporality of the facts - had as its motivation to make available and describe the village's trajectory, since its creation, until how it is today, in the 21st century. Having achieved these objectives, it was possible to verify the resistance of this village to social struggles, as well as the transmission over time of the rich *Huni Kuin* culture.

Keywords: *Kaxinawá*. Indigenous history. Villages. Colonization.

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho, feita pela professora Flávia Paola Félix para a disciplina de Metodologia do Ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, constante do currículo do 6º período do curso de Pedagogia da PUC Minas, visa contar a história das aldeias indígenas de forma “descolonizada”, apontando toda a riqueza e potência dessas comunidades.

Colocando-me no lugar de um membro dos *Huni Kuin*, elaboro a carta nos dias atuais, mas endereçada aos colonos no ano de 1500, descrevendo a história da tribo, levando em conta os pressupostos geográficos, históricos, culturais e sociais, com o objetivo de trazer à luz a

¹ Texto vencedor do Prêmio Sylvania Rezende Costa de 2022, promovido pelo Instituto de Ciências Humanas da PUC Minas.

² Graduanda em Pedagogia pela PUC Minas. E-mail: beatriz.caetanocristina@gmail.com

riquíssima tradição desse povo, invisibilizado na História, a partir de uma visão homogênea eurocêntrica; uma História que só é lembrada no momento em se fala do período colonial. Quando o Brasil deixa de ser colônia, os indígenas deixam de existir.

Indo na contramão dessa perspectiva, este trabalho mostra uma comunidade indígena ainda viva nas suas tradições e costumes, em pleno pós-modernismo.

2 CARTA A UM COLONIZADOR

14 de maio de 2022

Prezados homens brancos, que vieram ao nosso território tão querido, e do nosso jeito civilizado, com a intenção de tomá-lo, quero dizer... “Colonizá-lo” há 500 anos atrás

Sento-me em frente a uma máquina para descrever como nossa comunidade **Huni Kuin** permanece viva até hoje, com seus costumes e cultura, mesmo depois de vocês, homens brancos, tentarem apagar nossa rica história.

- “Como eu fiz isso?” - Vocês devem estar se perguntando. Bem... não é uma história de se orgulhar.

Tomando posse de suas caravelas, em uma de suas missões exploratórias, liderada por um homem chamado Pedro Álvares Cabral, avistaram um belo monte, localizado hoje em Porto Seguro, no belíssimo estado da Bahia, um dos estados do nosso querido Brasil.



Mapa "Terra Brasilis" (Atlas Miller, 1519), atualmente na Biblioteca Nacional de França. Disponível em: <https://www.achetudoeregiao.com.br/atr/historiadobrasil2.htm>.

Como já havia falado, estávamos aqui muito antes de vocês chegarem. E nosso primeiro contato foi de estranhamento entre nossa cultura originária e a sua cultura branca europeia. Com o passar dos anos, essa relação se tornou extremamente exploratória e agressiva

Tomados pela cobiça, os homens brancos machucaram nossa mãe natureza. Mãe essa que nos dava condições para sobreviver. Machucaram nossa maior riqueza, e nos machucaram também. Forçaram-nos covardemente a aceitar seu “Deus”, sendo que já tínhamos nossas divindades. Forçaram-nos também a viver o jeito “civilizado” do homem branco, sendo que já convivíamos em harmonia com os nossos, antes de vocês aparecerem...

Não consigo entender o porquê de se acharem superiores a nós. Nunca fizemos nada a vocês. Simplesmente estávamos vivendo nossa vida, da maneira mais simples e nobre que o nosso universo nos proporcionava. Aí, do nada, apareceram os homens brancos. E a partir daí tudo se tornou um caos. Nossa cultura sendo desfeita, nossas famílias sendo machucadas...



Guaraná. Autor desconhecido. Disponível em: <https://ojoioeotriogo.com.br/web-stories/guarana-muito-mais-do-que-um-refrigerante/>.

Espero que algum de vocês seja consciencioso e perceba o mal que estão prestes a realizar, com um povo que em nenhum momento mereceu tal destino.

Pois bem... Continuo redigindo esta carta, mas agora apresento a vocês, a história da minha querida comunidade indígena, **Huni Kuin**.

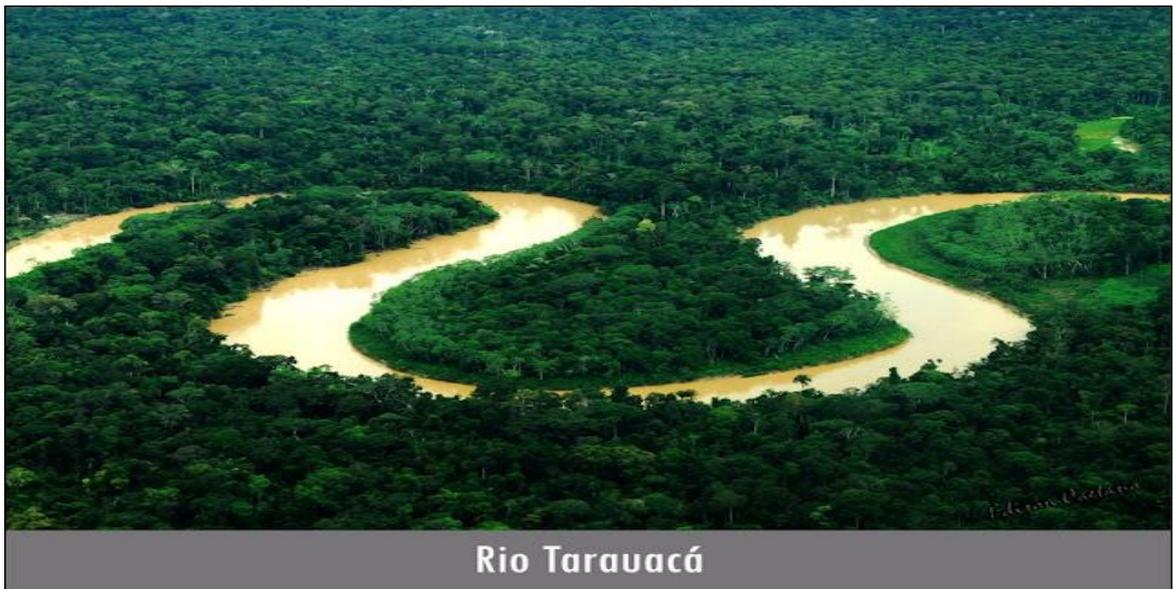
Nós, os *Huni Kuin*, pertencemos à família linguística *Kaxinawá*, que significa “*Pano*”. *Huni Kuin* significa “homens verdadeiros” ou “gente com costumes conhecidos”. E nós temos o orgulho de ser a maior comunidade indígena do Acre, outro incrível estado do nosso país. Atualmente, somente no Brasil, temos 12 terras indígenas e 104 aldeias. E se vocês estiverem se perguntando - “Como vocês conseguiram isso se nós tomamos suas terras?” - pois bem... Nós criamos uma organização indígena, a FEPHAC, Federação do Povo Huni Kui do Estado do Acre, que representa, legal e juridicamente, os *Huni Kuin* no estado do Acre, na defesa dos nossos direitos e interesses, inclusive o de preservação e garantia das nossas terras, da nossa identidade social, e de outras questões que o homem branco tentou apagar sobre nós.

Atualmente, estamos habitando a maravilhosa floresta tropical no leste peruano, do pé dos Andes até a fronteira do Brasil, no estado do Acre e Sul do Amazonas. Vocês não têm noção do quanto nossas terras são lindas. Temos uma diversidade natural de se admirar. Estamos na Amazônia Ocidental, a parte mais preservada da Amazônia, além de ser um estoque de biodiversidade sem igual no planeta. Temos no nosso território, a castanha, o guaraná, o açaí e o cupuaçu. Não consigo descrever em palavras o quanto são deliciosos esses frutos que nossa querida mãe natureza nos oferece de bom grado.

Além disso, nossas aldeias são banhadas pelos belos rios Purus e Curanja no Peru, e os rios Tarauacá, Jordão, Breu, Muru, Envira, Humaitá e Purus no Brasil. E sim, somos muito privilegiados e imensamente agradecidos por esses rios, pela beleza que eles têm e por nos fornecer alimento e água para nossa sobrevivência.



Rio Purus. Disponível em: <https://ferdinandodesousa.com/2018/05/01/os-sertoes-do-rio-purus/>



Rio Tarauacá. Foto de Edison Caetano. Disponível em: http://tarauaca100anos.blogspot.com/p/blogpage_2456.html

Nossa história, dos Kaxinawá, se origina no rio Envira, nosso hábitat “original”, antes da chegada dos seringueiros. No século XVIII, vocês, homens brancos, vieram em nossas terras, e nos fizeram de escravos. Às vezes, me pego pensando se alguma vez, já se imaginaram sendo escravos de alguém. Como seria se tivessem uma outra pessoa no controle da sua vida, ditando o que você deve fazer, obrigando a fazerem trabalhos pesados, batendo em vocês, não os alimentando... Enfim, como seria se vocês não tivessem liberdade? Talvez, se refletissem um pouco, não teriam cometido tais atrocidades com meu povo, e muitos outros ao redor do mundo.

Mas prosseguindo minha História...

No final do século XIX, houve invasões de caucheiros peruanos, que acabaram com nossas árvores em busca de cauchos, e assim perdemos nossa terra, mais uma vez, para a ambição do homem branco.

Vocês foram extremamente violentos conosco, e ainda trouxeram doenças para nosso povo. Os seringueiros... Ai ai, os seringueiros... Não gosto nem de me lembrar desses homens,

que, além de “abrirem” estradas de seringas, formando um caminho gigantesco de exploração e desmatamento, era também função dos seringueiros MATAR. Sim, eu repito MATAR os indígenas que eram considerados “brabos”, que, na verdade, estavam lutando por seu direito à vida, como qualquer outro ser humano tem, reagindo contra a exploração de seus corpos, contra a negação de sua liberdade. Os de meu povo que não tinham forças para lutarem contra eram reprimidos por sua classe; aceitavam trabalhar e deixaram ser amansados por vocês. Os mais antigos dos Kaxinawá ainda estão literalmente marcados na pele com as iniciais dos covardes opressores colonizadores. Por isso, até 1946, nossos ancestrais Kaxinawá do Peru ficaram lá, na mata virgem, longe dos rios navegados pelos comerciantes. Eles preferiram a independência e o isolamento. Com o tempo, nosso povo decidiu procurar contato com a civilização, o que gerou muito tumulto entre nós. Ficamos divididos entre os que não concordavam com a decisão, e os que eram a favor do contato com outros povos. E isso era de se esperar, porque olha o que vocês nos fizeram passar. Como podíamos construir uma relação harmônica com os homens brancos, sendo que seu povo queria nos dominar na base do ódio, da agressividade?

Hoje, temos algumas aldeias espalhadas pelo território do Peru e do Brasil. Começarei falando um pouco sobre a *Cana Recreio* e *Moema*, que ficam no alto do rio Purus, no Peru. A Cana Recreio é a mais tradicional, a que teve mais autonomia. Apesar de ter a intervenção, mais uma vez invasiva, dos seus missionários e dos militares peruanos. Em abril de 1989, um terço da população de Cana Recreio fundou uma nova aldeia: Moema. A aldeia de Moema viveu durante anos de forma mais dispersa. Familiarizou-se com a cultura seringalista, trabalhando para o patrão. Mas, atualmente, eles tentam retomar suas tradições.

Temos também nossa aldeia *Fronteira*. Ela, assim como as outras, é belíssima. *Fronteira* fica no Brasil, na área indígena do rio Purus, e foi fundada pelos *Kaxinawá* do Envira.



Habitação Kaxinawá. Foto: Terri Vale de Aquino. 1981.

Vocês ficariam surpresos em saber que existe uma Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Pois é... Essa fundação, criada por lei em 5 de dezembro de 1967, tem como missão institucional **proteger e promover os direitos dos povos indígenas**, coisa que vocês homens brancos tentaram destruir. Pois bem, lembra da nossa aldeia Fronteira que eu mencionei anteriormente? A FUNAI instalou um posto nela, e, com isso, nossa aldeia ganhou uma pista

de pouso de avião, o que vocês ainda não sabem o que é, mas o avião é um meio de transporte mais rápido que seus navios e o mais avançado. Ele voa pelos céus. Isso mesmo. Ele sobrevoa por cima de nossas cabeças, bem alto, quase não dá para ver, levando muitas pessoas de um país ao outro, em horas. Outra coisa que a fundação nos agraciou, foi com uma escola e uma farmácia, mas hoje em dia as mesmas estão em desuso.

Mas não ficamos atrás nos estudos. O Cacique Ibã Sales, da aldeia *Chico Curumim*, situada no Acre, é professor, educador, artista plástico e ativista de nossa comunidade. Ele aprendeu nossa riquíssima tradição *Huni Kuin*, e transmite seus saberes para as futuras gerações. Assim, nossa cultura permanecerá viva. Ibã Sales também é mestre, e está fazendo uma pós-graduação, bem como dá aula em uma renomada universidade aqui do Brasil.

Acho que vocês gostariam de saber que, no ano de 2013, este mesmo Cacique Ibã Sales fundou o Movimento de Artistas *Huni Kuin* (MAHKU). Esse movimento reúne artistas e pesquisadores do povo *Huni Kuin*. E, em 2012, nossos artistas foram convidados para apresentar seus trabalhos no seu continente. Isso mesmo... fomos para cidade de Paris, na França. Quem diria... que nós, “os descivilizados”, segundo vocês, estaríamos sendo estrelas no continente europeu!



Logo FUNAI. Disponível em: <https://neamp.pucsp.br/organizacoes/fundacao-nacional-do-indio-funai>.



Bane Huni Kuin e a obra do MAHKU na exposição Nlxi paewen namate em Rio Branco, 2014.



Da esq. para a dir., obras de Acelino, Isaka, e novamente Acelino, para o coletivo Mahku. Crédito: Barbara Veiga

Vocês acham que nossa tradição fica guardada somente entre o nosso povo? Não mesmo! As pessoas de sua época ainda nem imaginam, mas, nos dias atuais, usamos objetos bem pequenos que transmitem imagem e som, e nos permitem comunicar com qualquer pessoa no mundo todo, sem sair do lugar onde estamos.

E através desses objetos, qualquer pessoa pode conhecer nossa tradição, por meio de um jogo chamado “*Huki Kuin: Yube Baitama*”, em que os jogadores entram em contato com os saberes de nossa comunidade, como os cantos, histórias, mitos e rituais, que nós, os *Huni Kuin*, temos orgulho em compartilhar.

E esse jogo está disponível em Português, Inglês e Espanhol, para que todos que tem fluência nessas línguas possam jogar e conhecer um pouco mais sobre nossa riquíssima tradição! Espero não os ter assustado com tantas informações sobre tecnologia...

Seguem fotos de alguns momentos do jogo.



Print do jogo “Huki Kuin: Yube Baitama”. Disponível em: <http://www.gamehunikuin.com.br/>.



Print do jogo “Huki Kuin: Yube Baitama”. Disponível em: <http://www.gamehunikuin.com.br/>.

Bom.... Acho que já contei um pouco da nossa rica história para vocês. Agora vou me despedindo, com a esperança de que os “colonizadores” tenham compreendido como nós, os indígenas, fazíamos e fazemos parte desta terra.

SOMOS HISTÓRIA, SOMOS RESISTÊNCIA, SOMOS OS ORIGINÁRIOS. E vocês, estão prestes a nos tornar indigentes. Mas, com o passar dos anos, com a nossa luta contra qualquer um que tentou ou tenta nos apagar da história, continuamos as nossas tradições. E nosso povo, *Huni Kuin*, segue unido na manutenção da nossa existência.

Saudações INDÍGENAS!



Garota sobe lateral da Samaúma apoiada em cipós; indígenas tomam água do cipó usado para cozinhar a ayahuasca; crianças brincando na aldeia Chico Curumim. Crédito: Barbara Veiga



Ibã ensina para a equipe da Trip algumas palavras em hantxa kuin, a primeira língua de seu povo. Crédito: Barbara Veiga

REFERÊNCIAS

ACHE TUDO E REGIÃO. **História do Brasil**. Disponível em:

<https://www.achetudoeregiao.com.br/atr/historiadobrasil2.htm>. Acesso em: 06 nov. 2022.

BRASIL. A FUNAI. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/Institucional>. Acesso em: 10 maio 2022.

BRASIL. **Amazônia Ocidental**. Disponível em:

<https://www.gov.br/suframa/pt.br/assuntos/amazoniaocidental#:~:text=Composta%20pelos%20Estados%20do%20Amazonas,biodiversidade%20sem%20igual%20no%20planeta>. Acesso em: 10 maio 2022.

HUKI KUIN. **Huni Kuin**. Yube Baitama. Disponível em: <http://www.gamehunikuin.com.br/>. Acesso em: 14 maio 2022.

LAGROU, Elsje Maria. Huni Kuin (Kaxinawá). **Povos indígenas no Brasil**. 2021.

Disponível em:

[https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Huni_Kuin_\(Kaxinaw%C3%A1\)#Hist.C3.B3rio](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Huni_Kuin_(Kaxinaw%C3%A1)#Hist.C3.B3rio). Acesso em: 10 maio 2022.

O RESGATE da tradição Huni Kuin. **Amazônia Latitude**, out. 2019. Disponível em:

<https://amazonialatitude.com/2019/10/16/o-resgate-da-tradicao-huni-kuin/>. Acesso em: 13 maio 2022.

PURI, Raial Orotu; PRESTES, Andréia Baia. Federação do Povo Huni Kuĩ do Estado do Acre – FEPHAC Nukun Huni Kuinen Beya Xarabu Tsumashun Ewawa. **Fephac**. 2017.

Disponível em: <https://fephac.wixsite.com/fephac/people>. Acesso em: 14 maio 2022.